

José Jorge Letria

# O ESTREITO



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

# O ESTREITO

1.<sup>a</sup> Edição: 1992

Tiragem: 1 500 exemplares

Capa de: Miguel Eduardo Serrano

Edição: SPA — Av. Duque de Loulé, 31 — Lisboa

Impressão: Óptima Tipográfica — Casais da Serra — Malveira

Depósito Legal: 60680/92

**JOSÉ JORGE LETRIA**



## **O ESTREITO**

**PRÉMIO GARRETT, 1990**

da Secretaria de Estado da Cultura

Repertório da Sociedade Portuguesa de Autores  
2.<sup>a</sup> Série



## Personagens

Fernão de Magalhães  
Ruy Faleiro  
Mulher  
Juan de Aranda  
Cardeal Fonseca  
Carlos I  
Sebastião Alvarez  
Marinheiro  
Bartolomeu de las Casas

MULHER — (*à boca de cena*) Andam loucos com esta sede de mar e não sei o que há-de ser deles se forem até onde o sonho os quer levar. Quantas vezes te avisou a voz do vento, Fernão, dos sobressaltos e desventuras que te esperam se de novo te fizeres às águas. Aqui, nesta cidade alucinada pela cobiça do ouro e da prata, pelo cheiro forte das especiarias, não passas de um estrangeiro e só vales o que valerem as tuas ideias, os teus mapas, os teus projectos de viagem. Aqui és um estranho, um forasteiro e, para os que ficaram do outro lado da fronteira, um traidor, um inimigo da pátria. Como eu gostava, Fernão, que me pudesses dar ouvidos, a mim que temo mais o embalo das ondas que as chamadas do inferno. Como eu gostava, Fernão, que reconhecesses a minha voz, a voz antiga que já foi contigo até às Índias, até ao limite do horizonte do mar. Mas tu não me ouves, não me queres ouvir. A tua vontade é rija como o granito da terra que te viu nascer, é indomável como a proa de

uma nau quando cumpre o seu destino muito para além do fim dos mapas. Como eu te compreendo sem te querer compreender, Fernão, como eu te chamo filho ou amante sem esperar que tu me oiças. O teu olhar é determinado e cego e eu sei que o teu destino só pode ser a tragédia que vi desenhada nas linhas cruzadas da tua mão aberta. Pára um instante para me ouvires, Fernão, ainda que penses ouvir apenas o murmúrio do vento. Queres dar-nos o infinito, a circum-navegação em troca de quê? Da tua própria vida? Se eu pudesse tornava-me coro, só para dar mais força à fúria do meu apelo. Não partas, Fernão, que o mar há-de ser ingrato, funesto e hostil. Não partas, Fernão, que esta cidade assombrada por amores bruxos e intrigas de corte e de poder está a tecer as malhas da tua perdição. Não partas, dá-me ouvidos, Fernão, que eu já chorei em tantos areais a morte dos meus filhos que até lhes perdi a conta. Não partas, Fernão, que estas vozes que te acodem como se fossem amigas, são as da cobiça e da vaidade. Não partas, Fernão.

*(Aproximam-se Fernão de Magalhães e Ruy faleiro. A mulher agacha-se, esconde o rosto e estende a mão como se pedisse esmola).*

RUY FALEIRO — *(afastando-se da mulher)* Custa-me que a riqueza que há nesta cidade não chegue para pôr fim a esta chaga. Em todos os cantos, em todas as praças e becos encontramos mendigos, vagabundos, gente faminta que está disposta a matar ou a vender o corpo e a alma por um punhado de maravedis.

FERNÃO DE MAGALHÃES — Já andámos por muito mundo e sabemos como a riqueza tem sempre o seu oposto, o seu lado obscuro. Por cada rico comerciante encontrarás uma dezena de homens famintos. É assim aqui em Sevilha, é assim na nossa distante Lisboa, é assim nas Índias. Não seremos nós, com o nosso espírito



cristão, que havemos de encontrar outra ordem para o mundo.

RUY FALEIRO — Costumo encontrar-te mais confiante, Fernão. Que nuvens sombrias te pairam no espírito?

FERNÃO DE MAGALHÃES — As mesmas que já em tempos me trocaram as rotas às naus. Ambos sabemos como elas são traiçoeiras, malignas.

RUY FALEIRO — Mas acho-te hoje mais pensativo, mais metido contigo, de semblante mais carregado.

FERNÃO DE MAGALHÃES — É possível que estejas certo. Ao passar por aquela pobre mulher de mão estendida à caridade pareceu-me conhecer o seu rosto, embora tivesse o cuidado de o esconder. Parecia-se, ou foi ilusão minha, com uma criada velha que tive na casa de meus pais e também com uma velha indiana dada às adivinhações que encontrei em Malaca.

RUY FALEIRO — Não pode ser a mesma mulher, aqui em Sevilha, em Malaca e em Trás-os-Montes.

FERNÃO DE MAGALHÃES — Falas com a lógica dos cartógrafos. Eu, se calhar, falo com a do coração, que é bem menos exacta.

RUY FALEIRO — Ambas são respeitáveis, mas não creio que aqui esteja em causa nenhuma delas. Quem sabe se é alguma febre antiga que te acompanha desde Gujerate ou Diu e que alimenta no teu espírito tamanha confusão.

FERNÃO DE MAGALHÃES — Não se trata de febre nem de qualquer outra moléstia desconhecida. São apenas pressentimentos, sensações, imagens, ilusões que a ciência dos físicos não é capaz de explicar. Mas, falemos de outras coisas, que estas horas que estamos a viver são as das grandes decisões, das escolhas definitivas. Não temos tempo a perder.

RUY FALEIRO — Concordo contigo, Fernão, e, apenas chegado de Lisboa, onde à boca cheia se fala contra ti e contra o teu projecto, vejo que não deste por mal empregue o teu tempo.

FERNÃO DE MAGALHÃES — A que te referes?

RUY FALEIRO — Encontro-te casado e bem casado com D. Beatriz Barbosa, tu que eu tinha a certeza que irias morrer no mais rigoroso celibato. Encontro-te abastado e bem instalado em casa farta onde abunda a criação. Tudo isso me deixa tão estupefacto quanto feliz. Quem diria, meu velho Fernão, que alguém assim bafejado pela sorte voltava a ter ganas de se fazer ao mar?

FERNÃO DE MAGALHÃES — Sabes bem que nunca me abandonou este desejo de provar que é verdadeira a minha teoria. Nem família nem riqueza me podem afastar desse destino.

RUY FALEIRO — Eu sei, Fernão, e é por partilhar esse teu sonho que agora me junto a ti, nesta cidade que me é, ao mesmo tempo, tão familiar e estranha. Quero que agradeças a teu sogro, D. Diogo de Barbosa, o acolhimento que me deu a mim e a meu irmão Francisco depois de tantos dias de viagem. Foi como se estivéssemos na nossa própria casa. É bom chegar a Sevilha e encontrar um alcaide português, que fala a nossa língua e sente o mesmo que nós sobre tanta coisa que se passa neste mundo.

FERNÃO DE MAGALHÃES — Também eu lhe devo muito: primeiro o tecto, depois o apoio e o encorajamento, e agora a maneira como me abriu as portas da sua casa e da sua família.

RUY FALEIRO — Vejo agora como é injusto tudo aquilo que sobre ele se diz na Corte, em Lisboa.

FERNÃO DE MAGALHÃES — Que é um traidor?

RUY FALEIRO — Sei que a palavra é muito agreste, mas é isso mesmo que lhe chamam.

FERNÃO DE MAGALHÃES — E de mim, que dizem?

RUY FALEIRO — *(Depois de uma pausa)* ... Por enquanto, dizem pouco.

FERNÃO DE MAGALHÃES — O quê, precisamente?

RUY FALEIRO — Há muito quem sinta o desejo de te



chamar também traidor, mas aguardam o momento de ter razão para te dar esse nome.

FERNÃO DE MAGALHÃES — Chamam-me traidor, como a D. Diogo de Barbosa. É isso, não é verdade?

RUY FALEIRO — Sim, é isso. Mas porque hás-de dar ouvidos a quem só é capaz de dizer o que a inveja e o despeito lhe ditam?

FERNÃO DE MAGALHÃES — É certo que podem dizer o que bem entenderem que isso não me desviará uma légua do meu rumo.

RUY FALEIRO — Eu sei, eu conheço a tua determinação e a tua coragem. Mas porque hás-de dizer-me isso a mim, com tamanha veemência, se sou dos poucos que nunca duvidaram de ti e da tua sinceridade, da tua honradez e da tua fé?

FERNÃO DE MAGALHÃES — Tens razão, perdoa. Por vezes sinto-me ferido, magoado, cheio de revolta só de pensar que há quem ponha em causa a minha honestidade e a minha dedicação à pátria.

RUY FALEIRO — Ambos sabemos como são os homens. Conhecêmo-los em terra e no mar. São pouco de fiar, porque aquilo que os move é quase sempre a ambição, a cobiça e a vaidade. Todos os outros valores e crenças minguam ao pés destes defeitos.

FERNÃO DE MAGALHÃES — É verdade que sim, meu amigo. Tenho sido injusto para contigo, pela pouca atenção que te tenho dado nestes dias e pelo tom impróprio que tenho usado para te falar. Hás-de perdoar estes modos deselegantes de um homem habituado à grande solidão do mar oceano.

RUY FALEIRO — Também eu trato por tu essa solidão, meu amigo. E agora falemos da viagem que temos pela frente.

FERNÃO DE MAGALHÃES — Hás-de querer saber o que disseram os senhores da Casa de Contratación?

RUY FALEIRO — Imagino que não tenha sido coisa boa.

FERNÃO DE MAGALHÃES — Eu não esperava outra coisa,